

ESCRITA DE MULHERES NEGRAS: POR CAMINHOS DE APAGAMENTOS E RETOMADAS

Luzia Martins dos Santos Silva⁵

Manifesto

(...)

Poesia é a vingança da cigarra

Enforcar a última formiga

Nas tripas do último louva-deus

(...)

Você quer entender o que é poesia?

O primeiro passo é desaprender gramática

É preciso entender a lírica

De cinco mil famílias exigindo moradia

(...)

Quando inicio um verso

Converso

Com as dezoito mulheres

Que antes de mim

⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB) — linha de pesquisa: Literatura, produção cultural e modos de vida, orientadora Profa. Dra. Edil Silva Costa, endereço eletrônico: luz-martins@hotmail.com

Sim

tiveram fala estéril

poesia é mais do que denúncia

é revide

de mão fechada

e peito aberto

que sem pulmões

um poema é abscesso

alerto

caneta é artimanha de boteco

poesia está no inverso

é cicatrizar os pulsos

erguer os punhos

que renascer se faz na luta.

Luiza Romão

Resumo: Numa sociedade onde ter acesso à escrita resvala pela ideia de controle e poder, escrever torna-se uma forma de luta por ocupar um espaço negado. O presente texto buscou fazer um breve percurso sobre os processos vividos pelas mulheres negras para que pudessem ser chamadas de escritoras mesmo diante de um processo perverso de apagamento. Falamos sobre as dificuldades encontradas, mas ressaltamos as estratégias criadas para que conseguissem esse espaço. Dentre as muitas formas

de luta temos o Slam por onde diversas mulheres têm feito um exercício de arrombamento para se fazer existir diante de tantos impedimentos provocados por questões sociais, históricas e culturais. Contra esse processo de anulação, batalhas são travadas a partir do corpo e da palavra. Mulheres trazem suas dores, alegrias e emoções seculares, sobretudo, formas de reexistências, diante das diversas opressões as quais estão submetidas. Dialogamos com autoras como: Mirian Alves, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Heloisa Buarque de Holanda, Cristian Sales, dentre outras que irão possibilitar entender as armadilhas que são criadas para impedir que vozes potentes como as das mulheres do Slam ecoem, sobrevivam e continuem firmes na construção do seu lugar de escritoras.

Palavras-chave: Slam. Mulher negra. Produção poética.

INTRODUÇÃO

O processo de produção realizado pelas mulheres negras foi/é marcado por um perverso silenciamento e apagamento ao longo da história. Isso significa dizer que houve produções escritas por mulheres negras, mas estas foram severamente deixadas de fora deste conhecido rótulo de escritora.

Numa sociedade onde ter acesso a escrita resvala pela ideia de controle e poder, escrever se torna uma forma de luta por ocupar um espaço que nos é negado. Diante disso, é importante deixar claro que essas mulheres foram criando outras maneiras de produção para que seus textos pudessem engendrar os arrombamentos necessários e se fazer existir, mesmo diante dos impedimentos provocados. Elas fizeram valer a ideia de que não existe uma forma única de escrita, uma única linguagem a ser usada, um espaço único por onde dissemina esse o texto literário.

Dentre as diversas possibilidades de escrita experimentadas pelas mulheres negras ao longo de sua trajetória, o Slam tem sido uma forma encontrada para falar de si, de suas emoções, dos seus sentimentos e sobretudo uma forma de luta contra esse sistema excludente que teimam em deixá-las de fora do lugar de produtoras de saberes.

Segundo Mel Duarte (2019), o Slam tem sido uma grande ferramenta por onde diversas mulheres escrevem, compartilham seus modos de vida, rememoram suas ancestrais e buscam incentivar suas contemporâneas na luta por novas alternativas de sobrevivência.

A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS: ALGUNS CAMINHOS PERCORRIDOS

A escritora Mirian Alves, em seu texto “Surgimento do coletivo de escritoras: Do isolamento ao Quilombo Literário”, traz algumas reflexões que são de fundamental importância para começar nosso diálogo sobre a produção literária feita por mulheres negras. Mirian inicia seu texto nos alertando que para pensar o processo de escrita das mulheres negras faz necessário considerar o período de colonização no qual fatores como sexo e cor da pele eram decisivos para incluir ou excluir pessoas (ALVES, 2010). Além disso, se faz necessário ainda entender que era importante problematizar a ideia de um feminismo negro. Pois, segundo Alves, embora o movimento de mulheres tenha ganhado força a partir dos anos 1960 e 1970, o critério de raça continuava de fora das discussões. Isso significava que as mulheres negras tinham obstáculos e estigmas que precisavam ser superados, como: “uma suposta essência escrava, moradia precária, falta de higiene, falta de educação, analfabetismo, dentre outras” (2010, p.61).

Diante dessas demandas, o movimento feminista de então se mostrava incapaz de compreender a bandeira de luta das mulheres negras, resultando na permanência dessas sujeitas na invisibilidade. No entanto, segundo Mirian Alves, mesmo destituídas de poder longo da história, essas mulheres continuam tendo sua importância na resistência cotidiana, nos quilombos, nas religiões de matriz africana, como esteio da família, sustentando a casa, dentre outras. A autora destaca ainda que mesmo não assumindo posições de destaque devido ao machismo existente também entre os negros, a mulher negra atuava dentro dos movimentos negros desde 1930, como também nos anos 1980, com o surgimento do Movimento Negro Unificado - MNU.

Isso nos mostra que embora o feminismo pensando nesse período não desse conta das diversas demandas envolvendo as mulheres negras, Mirian Alves ressalta que algumas mulheres conseguem minar esse espaço e ganham determinado destaque como é o caso de Carolina Maria de Jesus, que tem seu livro *Quarto de despejo* publicado em 1960, e traduzido em mais de 20 idiomas.

No entanto, isso não ocorreu, por exemplo, com outras escritoras negras, como Maria Firmina dos Reis. Mesmo tendo produzido uma obra com grande destaque para reflexão envolvendo as questões relacionadas à população negra a quase dois séculos, só recentemente foi reconhecida como a primeira romancista brasileira. Apesar de Maria Firmina ter sido uma mulher de destaque na cidade de São Luís, professora concursada nos anos 1847, sua obra viveu um completo apagamento.

É importante ressaltar, que o processo de silenciamento da escrita das mulheres negras, se fazia e se faz ainda hoje necessário, porque como diz Grada Kilomba, “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o”

“legitimada/o” e, reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019).

Tendo essa consciência, várias lutas foram travadas contra o silenciamento da literatura negra, podemos citar como exemplo também a ocorrência do *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros*, no final dos anos oitenta, na cidade de São Paulo. Este evento, organizado por jovens ativistas e militantes de movimentos sociais negros, teve relevantes impactos na linguagem e na visão de mundo dos participantes. Segundo Cristian Sales (2021),

De modo multifacetado, fruto de anos de persistência no cenário cultural, o Evento Literário foi marcado pela descolonização do pensamento e trouxe à cena propostas originais de intervenção artística. Não obstante, desejam provocar reflexões e produzindo práticas antirracistas revolucionárias. Assim, é graças a isso que, ao considerar outros instrumentos para superação aos modelos instituídos pelos chamados cânones nacionais, os autores, autoras e os demais organizadores/as apresentaram novas estratégias para intervir, rasurar e produzir, assim como fazer circular a escrita literária no Brasil (SALES, 2021, p.160).

Atualmente, o movimento de produção e circulação dos textos de escritores negros, e de modo específico das escritoras negras, ainda encontram resistência no espaço constituído pela literatura canônica, mas diversas formas têm sido criadas para romper as barreiras de uma “linguagem específica”, de estrutura “apropriada” para produzir textos que provocam seu leitor/ouvinte a refletir sobre as questões diversas que envolvem os corpos negros.

Dentre essas formas, podemos citar o Slam ou Poetry Slam que são batalhas de poesia falada que tem se espalhado pelo Brasil (e mundo) adentro e abaixo, já que é nas periferias do

hemisfério sul do mundo que essa ferramenta-comunidade-ação tem ganhado mais espaço. Esta forma de construção poética que utiliza o corpo e voz para “dizer poesia” busca numa apresentação oral trazer para seu público um fazer literário que extrapola os modelos preestabelecidos pela literatura canônica. Segundo Conceição Evaristo, essas poetas produzem o que se pode chamar de “gramática do cotidiano”, pois:

Fazer da criação poética instrumento de proposição de luta começa pelo próprio não uso da norma culta da língua. Conscientemente a “norma certa” como advogam os puritas, é confrontada, esfacela, “agredida. Há uma escolha conscienciosa por uma forma de linguagem, a qual tenho chamado de “gramática do cotidiano”, isto é: o expressar que surge da comunicação inventada, gestada, gerida no meio do povo. Surge então nos poemas, uma língua dinamizada por uma fala que precisa e busca expor as incertezas, as injustiças, os encontros do dia a dia do povo. Uma linguagem para contar em versos, as mazelas, as incertezas e também para celebrar as alegrias de quem de quem tem pouco ou nenhum espaço para dizer (EVARISTO, 2019 apud DUARTE, 2019, p.14).

A partir dessa reflexão trazida por Evaristo podemos dimensionar a grandiosidade desse movimento de escrita/oralidade O Slam. Pois ele tem provocado arrombamentos nesta forma tradicional de pensar o texto literário e, de forma consciente, possibilita que pessoas que nem sempre tem acesso aos textos considerados canônicos da literatura possam apreciar uma produção poética que de modo estético e criativo tem muita relação com o seu próprio cotidiano.

É importante destacar que inicialmente esses textos ficavam quase que restritos ao campo da oralidade, mas recentemente tem se materializado em páginas de livros dando a essas mulheres oportunidade de verem seus textos “escritos”.

Dessa forma, além das organizações feitas pelos saraus, temos algumas antologias como: *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, organizada por Mel Duarte (2019); *A poesia falada invade a cena em Sobral: Poetry Slam no interior do Ceará*, organizada por Nilson de Freitas, Fran Nascimento, Vicente Sousa e Ary Pimentel (2019); e os quatro livros da Coleção *SLAM*, *Antifa*, *Empoderamento feminino*, *LGBTQIA+* e *Negritude*, organizados por Emerson Alcalde (2019), *Ancestralitura: poemas com mel e dendê*, uma antologia por Slam das Minas – Bahia, organizada por Ludmila Singa e Fabiana Lima (2022), dentre outros.

Essas construções poéticas como Slam, os saraus, e o hip hop, tem sido uma forma encontrada por vários/várias jovens poetas de trazer para a cena a periferia com suas demandas sociais, políticas, mas sobretudo, como forma de demonstrar que as pessoas que ali estão, são capazes de produzir arte.

Heloísa Buarque de Holanda em seu texto “*Cultura como recurso*” nos chama atenção para o fato de que as questões de raça ainda têm provocado muitas discussões entre ativistas e políticos e que isso tem emperrado avanços na busca de uma sociedade menos segregacionista. Neste sentido,

O campo de operações eleito por estes movimentos jovens é a militância nas artes, com forte compromisso de transformação social. Inovam, ainda, na ampliação deste engajamento, na direção do enfrentamento das questões da exclusão e das desigualdades sociais sofridas pelas populações de baixa renda, na sua maioria composta por negros, pardos e imigrantes (HOLANDA, 2012, p.28).

É importante observar que essa forma de produção poética tem possibilitado, além da militância política, tradicionalmente de resistência e oposição, uma lógica predominantemente de produção de saberes. Essas meninas do Slam estão declamando suas poesias nos bairros, mas também estão indo às escolas, produzidos oficinas literárias, estão divulgando nas redes sociais,

o que certamente tem-lhes proporcionado um maior alcance geopolítico.

É nesse sentido que Audre Lorde nos diz que para as mulheres negras: “A poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual buscamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e como ação tangível” (LORDE, 2019, p.45).

Essa ação tem se dado na busca da disseminação da palavra escrita por parte de muitas escritoras do Slam. Mesmo ciente que se trata de uma literatura que tem como destaque o uso da voz, atualmente diversas publicações escritas têm aparecido na cena. Uma vez que vivemos em um mundo grafocêntrico, a produção de um livro é uma forma de marcar a própria existência como nos disse acima Audre Lorde. Escrever portanto, se torna uma forma de luta diante do sistema que nos oprime.

Neste sentido, a escrita de Carolina Maria de Jesus, de Maria Firmina dos Reis, como também das poetisas do Slam, além de marcar a existência pessoal dessas mulheres, foi e é uma forma de lutar contra as realidades de subjugação vividas por elas e por seus pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada de produção literária das escritoras negras é cheia de percalços e ao mesmo tempo de levantes que tem propiciado, mesmo diante dos entraves, que elas ergam suas vozes, trazendo à tona suas palavras. Em umas das suas publicações, na antologia: *Querem nos Calar: Poemas para serem lidos em voz alta*, organizada pela Mel Duarte, esta traz para cena diversas escritoras do Brasil que ainda não tinham tido a

oportunidade de verem seus textos materializados no papel. Duarte (2019, Orelha do livro) nos diz: “Aqui estamos nós, donas de nossas palavras, revolucionárias do cotidiano, regando a terra outrora batida por nossas antepassadas, firmando nossas pegadas, sabendo que hoje, cada vez que nossa fala se propaga, equivale a dez que antes foram silenciadas”.

Nesta fala de Mel Duarte se evidencia a importância dessas mulheres falarem por si. É hora de tomar a palavra, de trazer para cena suas demandas e as dos seus. Além disso, a escrita se torna uma forma de retomar diversas de nós que tiveram seus corpos violados, suas vozes caladas diante do processo perverso de escravização e continuado a partir do racismo/sexismo que ao longo tempo tem retirado de nós mulheres negras a visibilidade e o lugar de destaque em nossa sociedade.

Tudo isso nos mostra que as mulheres do Slam vêm atuando com ousadia e atrevimento para romper com as amarras que teimam em perpetuar, mesmo diante de tantos avanços contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Míriam. *Surgimento do coletivo de escritores: Do isolamento ao Quilombo Literário*. In: Brasil, Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (p.53-61)

DUARTE, Mel (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta, 2019.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: DUARTE, M. (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta, 2019. p. 13-15.

HOLLANDA, Heloisa *Buarque de. Cultura como recurso*. Salvador: Sec. de Cult. do Estado da Bahia, Fundação Pedro Calmon, 2012.

Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução *Stephanie Borges* 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – *Letramentos Literários de Reexistência ao/no Mundo Contemporâneo*. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

SALES, Cristian Souza de. *Poesia negra brasileira de autoria feminina: assentamentos de resistência*. Los Angeles, 2021 In:

<https://escholarship.org/uc/item/3dg801xw#supplemental>

SOUZA , Fabiana Oliveira de. *Ex-cêntricos e Exo-canônicos: A poesia oral do poetry slam*. Alagoinhas (BA), *Grau Zero*, v. 10, n. 1, p. 63 – 86, 2022.